
ALIANÇA BOLSONARO E O CENTRÃO SOB O OLHAR DA MÍDIA
Análise do enquadramento noticioso da *Folha de S. Paulo* na eleição à Presidência da Câmara dos Deputados em 2021¹

Raphael Castilho Bueno SILVA²
Luiz Ademir de OLIVEIRA³
Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

RESUMO

Este artigo analisa as notícias do jornal *Folha de S. Paulo* relacionadas à eleição para a Presidência da Câmara dos Deputados do Brasil publicadas entre os dias 31 de janeiro e 2 de fevereiro de 2021. Pretende-se aqui discutir o presidencialismo de coalizão, a crise de representação política (Abranches, 1988; Manin, 1995, 2013; Alves & Santana, 2020) e as teorias do jornalismo (Traquina, 2001; França, 2012; Oliveira *et al*, 2021). Discute também a atuação do Centrão – grupo informal de mais de 200 parlamentares que agem de forma fisiológica e foi fundamental na eleição à Presidência da Câmara que elegeu Arthur Lira (PP), com apoio do presidente Jair Bolsonaro (sem partido). O trabalho analisa a cobertura da *Folha* a partir das temáticas abordadas, das fontes e do enquadramento, entendendo assim o veículo noticioso como um ator político da sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: *Folha de S. Paulo*; Centrão; Enquadramento noticioso.

INTRODUÇÃO

Nos anos ímpares, desde a Constituição de 1988, no dia 1º de fevereiro acontece a eleição para a Presidência da Câmara dos Deputados. O Presidente da Câmara é o segundo nome na linha sucessória presidencial, atrás somente do Vice-presidente da República. É também quem organiza os trabalhos legislativos, conduz o plenário e desempata possíveis deliberações. No início de 2021, época marcada pela intensificação da pandemia do Covid-19, a Câmara elegeu Arthur Lira (PP-AL) em uma disputa marcada pelo apoio do Centrão e pelas interferências do presidente Jair Bolsonaro (sem partido). Houve uma grande cobertura da mídia sobre a aproximação do Presidente com o Centrão. O grupo havia sido alvo de críticas de Bolsonaro na campanha eleitoral de

¹ Trabalho apresentado no IJ01 Jornalismo, Intercom Júnior - XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 5º semestre do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSJ, email: raphaelcastbueno@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFS e-mail: luizoli@ufs.edu.br.

2018, quando se apresentou como um candidato antissistema, mesmo com 27 anos de vida parlamentar e três filhos atuando na política.

Ao pensar na cobertura jornalística de acontecimentos como este, chegamos na definição de Oliveira *et al* (2021) que enxerga a imprensa atuando na realidade, construindo consensos, educando percepções e produzindo realidades parciais como se fossem um todo. Levando isso em consideração, o jornalismo é, portanto, um ator político importante na sociedade. Por meio dessa perspectiva, este artigo pretende analisar a linha editorial e as notícias publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* na eleição que elegeu Arthur Lira (PP-AL) à Presidência da Câmara dos Deputados em fevereiro de 2021. O objetivo é analisar a atuação política do Jornalismo se baseando em teorias relativas às suas práticas. Pretende-se também traçar um panorama do presidencialismo de coalizão da democracia brasileira e como ele está ligado à bancada de deputados conhecida como Centrão, que existe desde 1987 e tem sido um bloco informal de parlamentares que negocia com o Executivo em troca de emendas, cargos e outros “favores”.

O jornal escolhido, a *Folha de S. Paulo* foi fundada em 1921 e é o jornal mais vendido do país.⁴ Principal produto de um dos maiores conglomerados de mídia do Brasil, a *Folha* circula, segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC) (2020), mais de 340 mil exemplares diários. A *Folha de S. Paulo* vem, desde 2019, apresentando uma postura crítica em relação ao governo de Jair Bolsonaro. O presidente atacou, mais de uma vez, a linha editorial do jornal em suas entrevistas.⁵ Em março de 2021, a Justiça de São Paulo condenou Bolsonaro a indenizar uma jornalista do veículo em R\$20 mil por danos morais e ofensas de cunho sexual.⁶

Antes e durante a eleição à Presidência da Câmara dos Deputados, que definiu o sucessor para o deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ), a *Folha* cobriu com desconfiança a candidatura do representante do Centrão, Arthur Lira (PP-AL), e a aproximação de Jair Bolsonaro com o bloco. Segundo o jornal, Bolsonaro seguiu a tradição do presidencialismo de coalizão e, em uma artimanha política, se aproximou do grupo após

⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml>. Acesso em 05 abr, 2021.

⁵ Disponível em:

<<https://www.metro1.com.br/noticias/politica/63508,bolsonaro-ataca-folha-de-sao-paulo-esse-jornal-se-acabou>>. Acesso em 05 abr, 2021.

⁶ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/27/justica-de-sp-condena-bolsonaro-a-indenizar-jornalista-em-r-20-mil-por-danos-morais.ghtml>>. Acesso em 05 abr, 2021.

os desgastes do seu governo com a pandemia da Covid-19.

Alves & Santana (2020) afirmam que para o presidente ter governabilidade é preciso estar alinhado à maioria do Congresso e, portanto, é quase imprescindível ter o apoio do Centrão. Foi assim que Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) conseguiram aprovar boa parte de suas medidas na Câmara.

Por meio da Análise de Conteúdo, baseada em Bardin (2011), e levando em conta a Teoria Estruturalista do Jornalismo (Traquina, 2011) e a Teoria do Enquadramento Noticioso (Porto, 2004), foi possível sistematizar e contabilizar as informações presentes nas matérias publicadas pela *Folha de S. Paulo*, relacionadas à eleição para a presidência da Câmara dos Deputados, entre os dias 31 de janeiro e 2 de fevereiro de 2021. Dessa forma, encontrou-se padrões editoriais que delimitam o enquadramento da realidade escolhido pelo jornal, as temáticas abordadas, os autores mais acionados, as fontes mais utilizadas e os personagens que compuseram o pleito.

CENTRÃO, POLÍTICA OLIGÁRQUICA BRASILEIRA E A EMERGÊNCIA DE LÍDERES PERSONALISTAS

A crise de representação política brasileira está relacionada ao presidencialismo de coalizão. Abranches (1988) definiu este traço da política brasileira por meio da combinação da proporcionalidade, do multipartidarismo e do "presidencialismo imperial". Neste sistema, o Presidente da República precisa negociar com um Congresso multipartidário e fragmentado para conseguir aprovar qualquer medida. Hoje, o Congresso conta com 24 partidos.⁷ É um dos parlamentos mais fragmentados da história da democracia brasileira.

Constituem o que se poderia classificar, com acerto, as bases de nossa tradição republicana: o presidencialismo, o federalismo, o bicameralismo, o multipartidarismo e a representação proporcional. Seria ingênuo imaginar que este arranjo político-institucional se tenha firmado arbitrariamente ou fortuitamente ao longo de nossa história. Na verdade, expressa necessidades e contradições, de natureza social, econômica, política e cultural, que identificam historicamente e estruturalmente o processo de nossa formação social (ABRANCHES, 1988, p. 10).

Alves & Santana (2020) confirmam, em seu artigo, que o poder executivo deve jogar ao lado do Congresso para ter uma governabilidade mínima. Os autores

⁷ Em agosto de 2021, os dez de maior representatividade são PSL (com 53 deputados), PT (52), PL (42), PP (41), PSD (35), MDB (34), Republicanos (33), PSDB (32), PSB (30) e DEM (29).

argumentam que o Congresso é composto por muitas legendas e que elas possuem a possibilidade de bloquear qualquer medida do Executivo. No caso da política brasileira, os autores reforçam a tese que aponta o Centrão como uma gama de partidos que não são do espectro político central, mas mais voltados à direita, e assim se denominam por serem maioria na Assembleia. O Centrão é formado por partidos que se orientam por questões pragmáticas, não ideológicas e dão apoio em trocas de cargos e emendas. Foi formado durante a Constituinte de 1987, quando se formulava a Constituição de 1988 e, desde então, se mantém como a base dos governos eleitos. Abranches (1988) define o processo de coalizão política como algo complexo, que primeiro se dá na formação de alianças eleitorais, passa pela distribuição de cargos e compromissos e, por fim, resulta no apoio à implantação das políticas governamentais.

Hoje, o Centrão é composto por diversos partidos, entre eles PP, PL, PSD, PTB, DEM, MDB, SD.⁸ Na prática, quem não negocia com o Centrão acaba perdendo poder, como ocorreu com Fernando Collor de Mello e, mais tarde, com Dilma Rousseff, que acabaram sofrendo *impeachments*. Segundo Alves & Santana (2020, p. 334) “a ex-presidente perdeu governabilidade, ao não conseguir mais negociação com o Congresso, que acreditava que um membro do Centrão (representado por Michel Temer) seria mais apto a comandar o país na forma com que o Poder Legislativo estava habituado”.

Segundo Alves & Santana (2020), a conquista de apoio partidário ao presidencialismo no Congresso pode acontecer de várias formas. O autor aponta que os reflexos do sistema patrimonialista na política brasileira misturam os negócios públicos com os privados e os cargos do Poder Executivo viram moeda de troca. Os autores afirmam que este sistema que perdurou durante muito tempo na política brasileira só passou a ser criticado com a divulgação de escândalos de corrupção como o “Mensalão” e a “Lava Jato”. É nítido que o discurso de oposição à prática fisiológica ganhou força no debate político e foi incluindo esta pauta no seu repertório que Jair Bolsonaro se elegeu como Presidente da República em 2018 pelo PSL. Mas é válido apontar que Bolsonaro esteve em legendas do Centrão durante boa parte de sua vida parlamentar: o PP entre 2005 e 2016 e o PSC entre 2016 e 2017. Agora, em 2021, ele se realinhou aos

⁸ Os seus principais representantes são o PP (40 deputados), o PL (42), o Republicanos (32), o Solidariedade (14) e o PTB (12). O PSD (35) e, por vezes, o DEM (28) e o MDB (34) também costumam se alinhar com o grupo. Além deles, partidos menores como o PROS (11), o PSC (9), o Avante (7) e o Patriota (6) também votam com o coletivo.

partidos deste eixo na eleição à Presidência da Câmara dos Deputados.

No caso do presidencialismo brasileiro, há uma mistura da nova e da velha política. Por um lado, há a chamada nova representação política com os chamados líderes personalistas. Por outro lado, a coalizão leva a conchavos da chamada velha política. O debate sobre a crise de representação é feito por Bernard Manin (1995), que explica que há uma mudança nas formas de representação política. O autor afirma que durante décadas se consolidou nas democracias uma relação entre os partidos e o eleitorado. Porém, na atualidade, essa conexão se fragilizou e aumentou o número de eleitores que não se identificam com nenhum partido.

O autor aponta a ascensão da democracia de público, uma vez que as estratégias eleitorais se concentram na construção da imagem de líderes personalistas. Dessa forma, ele explica que as eleições não são a escolha de um programa político partidário, e sim de uma personalidade que, muitas vezes, é construída através da mídia. Isso ficou evidente na eleição de Bolsonaro que passou por oito partidos e se elegeu pelo PSL, que só tinha um deputado no Congresso.

Manin (2013), quase 20 anos após suas primeiras considerações sobre as metamorfoses dos governos representativos, afirma que os partidos ainda atuam em várias arenas. O autor afirma que eles mobilizam eleitores, recrutam membros e ativistas, apresentam candidatos a cargos de confiança e organizam o trabalho de legislaturas e governos. Segundo o autor, é inegável que as articulações partidárias ainda são preponderantes em diversos modelos de governo e, essencialmente no brasileiro, que se dá por meio do presidencialismo de coalizão. Manin confirma que os partidos não têm identidades bem definidas e duradouras que dialogam com o eleitorado. Em resumo, não ocorreu uma crise de representação, mas um deslocamento das características dos governos representativos.

O JORNALISMO COMO ATOR SOCIAL E POLÍTICO

Traquina (2001) questiona o mito da objetividade jornalística ao afirmar que a imprensa segue a lógica capitalista e tendências que andam junto com os seus próprios interesses. Assim, a imprensa constrói uma realidade parcial que, segundo Oliveira *et al* (2018), é capaz de pautar a sociedade contemporânea em diversos aspectos. Os autores

afirmam que a imprensa atua na realidade construindo consensos e produzindo realidades parciais.

França (2012) afirma que a imprensa, ao transformar os acontecimentos em narrativas, faz com que eles passem a existir como discurso e representação. A Teoria Estruturalista do Jornalismo e o Enquadramento Noticioso são ideias que colaboram com a tese de que o jornalismo é um produto social complexo e um ator político de extrema importância na sociedade contemporânea.

Quanto à Teoria Estruturalista, Stuart Hall (1973), citado por Traquina (2001), defende a perspectiva de que a notícia é um produto social resultante de vários fatores. Traquina explica que os textos jornalísticos são produto de processos sociais complexos e da interação entre vários agentes da sociedade. Entre tais aspectos estão a organização burocrática da mídia, a estrutura dos valores-notícia, a ideologia dos jornalistas e a contextualização do mundo acionada na construção dos fatos.

Assim, é válido dizer que a relação entre jornalistas, fontes de informação, organizações e público são importantes para entender as consequências coletivas dos processos de construção das notícias. Traquina (2001) constata que a imprensa define para a população quais acontecimentos são significativos e quais interpretações são plausíveis para os acontecimentos. Isso fica claro ao perceber que a própria imprensa é quem define quais fontes e autoridades são competentes para falar de cada assunto.

Quanto às fontes de informação, Hall *et al.* (1973), *apud* Traquina (2001), apresentam o conceito de definidores primários que reproduzem a lógica de cada campo simbólico. As fontes estão em posições institucionalizadas e se tornam porta-vozes acionadas de forma recorrente na construção dos textos jornalísticos. Consolida-se uma relação estrutural de dependência entre jornalista e fonte percebida na prática por meio da análise de notícias de uma mesma editoria, conforme faremos no artigo.

Quanto ao enquadramento noticioso, Porto (2004) explica que consiste em padrões de apresentação, seleção e ênfases utilizados por jornalistas para organizar os seus relatos. Em outras palavras, o autor afirma que os jornalistas, através de recursos narrativos próprios da profissão, conseguem promover abordagens que moldam um acontecimento, destacando alguns aspectos em detrimento de outros. Para Tuchman (1993), as notícias impõem um enquadramento que define e constrói a realidade. Nessa perspectiva jornalística, é apontada a existência de cinco fatores que podem

potencialmente influenciar como jornalistas enquadram uma questão: (1) normas sociais e os valores inculcados na sociedade, (2) pressões e os constrangimentos impostos pelas organizações, (3) os interesses de grupos determinados, (4) as rotinas jornalísticas e (5) as orientações políticas e ideológicas dos jornalistas.

A COBERTURA DA FOLHA DE S. PAULO NA DISPUTA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Quanto à pesquisa documental, o objeto de análise foi a *Folha de S. Paulo*, jornal impresso de maior circulação no país. Foram coletadas 14 notícias publicadas nos dias 31 de janeiro e 1º e 2 de fevereiro de 2021, período que contempla a eleição da Presidência da Câmara dos Deputados, que ocorreu no dia 1º de fevereiro de 2021. Depois, foi feita a Análise de Conteúdo, com base em Bardin (2011), com as seguintes categorias de análise – (1) autores, (2) temáticas abordadas, (3) enquadramento noticioso, (4) fonte e tipos de fonte e (5) personagens abordados.

O CONTEXTO DA DISPUTA

Rodrigo Maia (DEM-RJ) assumiu a presidência da Câmara dos Deputados em julho de 2016, após a renúncia de Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Eleito em dois turnos na ocasião, o deputado se reelegeu em 2017. Amparado pelo STF, Maia candidatou-se novamente ao cargo em 2019. Com Jair Bolsonaro presidente, Maia foi eleito para seu 3º mandato consecutivo com 334 votos.⁹ Maia assumiu uma postura crítica ao governo de Bolsonaro e criou empecilhos para o presidente, que tinha dificuldade em tramitar seus projetos na Câmara. Com ataques de ambos os lados, a postura crítica de Maia a Bolsonaro se intensificou na pandemia da Covid-19.¹⁰ Mesmo discordando das atitudes do presidente e dando pareceres negativos sobre o governo em suas entrevistas e nas redes sociais, Maia não deu continuidade aos 60 pedidos de *impeachment* protocolados no Congresso.¹¹

⁹ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/02/01/rodrigo-maia-e-reeleito-presidente-e-comandara-camara-ate-2021.ghml>>. Acesso em 6 abr, 2021.

¹⁰ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/maia-chama-bolsonaro-de-covarde-em-meio-a-disputas-da-vacinacao-e-na-camara.shtml?origin=folha>>. Acesso em 6 abr, 2021..

¹¹ Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/01/23/maia-deixa-57-pedidos-de-impeachment-na-gaveta-e-diz-que-cpi-e-inevitavel.htm>>. Acesso em 6 abr, 2021.

Em 2021, durante a pandemia da Covid-19, ocorreu uma nova eleição para a Presidência da Câmara. Rodrigo Maia, impedido pelo STF a pleitear o cargo, lançou a candidatura do líder do MDB, deputado Baleia Rossi, e chegou a ter apoio declarado das bancadas do DEM, MDB, PSDB e dos partidos de centro-esquerda (PT, PDT, PSB, PCdoB, Cidadania). O Centrão lançou a candidatura de Arthur Lira (PP-AL) que recebeu o apoio de Bolsonaro em uma tentativa de se aproximar ao bloco e restabelecer sua relação com a Câmara, abalada após críticas de Maia à gestão sanitária do governo na pandemia. Houve um grande esforço do Governo Federal para viabilizar a eleição de Lira. Nas vésperas das eleições, Bolsonaro destinou mais de R\$3 bilhões em verbas para 250 deputados e 35 senadores aplicarem em obras em seus redutos eleitorais.¹² No dia 1º de fevereiro, Lira foi eleito no 1º turno com 302¹³ votos. Baleia Rossi teve 145 votos.

A POSIÇÃO DA FOLHA NA ELEIÇÃO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Foram analisadas as 14 reportagens que a *Folha de S. Paulo* publicou sobre o tema nos dias 31 de janeiro e 1º e 2 de fevereiro de 2021. Os editoriais, as colunas, as análises e textos do gênero opinativo não foram computados na análise.

Quadro 1

Notícias da *Folha de S. Paulo* da cobertura da Presidência da Câmara

Data	Título
31/01/2021	De 'nada do que não presta' à base aliada, centrão explica adesão a Bolsonaro (Bruno Bobhossian & Ranier Bragon) – Editoria Poder
31/01/2021	Maia muda o discurso no fim e agora diz que 'houve e há chance de ruptura institucional' no país (Ranier Bragon & Danielle Brant) - Poder
31/01/2021	Governo Bolsonaro promete emendas e cargos para eleição de Lira na Câmara (Danielle Brant & Julia Chaib) - Poder
31/01/2021	Alinhamento entre Câmara e Senado deverá impulsionar pauta econômica, avalia governo (Danielle Brant e Thiago Resende) - Economia
31/01/2021	Bolsonaro conta com Lira e Pacheco para afastar fantasma do impeachment e lançar bases para a reeleição. (Daniel Carvalho e Ricardo Coletta) - Poder
31/01/2021	Bolsonaro diz que pode levar Onyx para o Planalto e abrir vaga na Cidadania, mas nega recriar ministérios. (Ricardo Coletta) - Poder
01/02/2021	Eleição no Congresso expõe apostas contraditórias dos partidos na disputa. (Danielle Brant e Renato Machado) - Poder
01/02/2021	Na véspera da eleição, DEM abandona Maia e decide ficar isento na disputa da Câmara. (Danielle Brant e Julia Chaib) - Poder

¹² Disponível em: <<https://istoe.com.br/por-eleicao-planalto-libera-r-3-bilhoes-a-parlamentares/>>. Acesso em 6 abr, 2021.

¹³ O algoano recebeu votos do bloco formado por PSL, PP, PSD, PL, Republicanos, PODE, PTB, Patriota, PSC, PROS e Avante. Além desses, partidos como o DEM e alguns membros do próprio MDB e de outros partidos romperam com o deputado na véspera da eleição e apoiaram a candidatura de Lira.

02/02/2021	Maia encerra gestão em guerra contra aliados e em meio a rompantes de abrir impeachment de Bolsonaro (Ranier Bragon, Danielle Brant e Raquel Maia) - Poder
02/02/2021	Líder do centrão, Lira é eleito presidente da Câmara após interferência de Bolsonaro. (Ranier Bragon, Raquel Lopes e Gustavo Uribe) – Poder
02/02/2021	Mesmo com pandemia, eleição no Congresso tem aglomeração de deputados e autoridades sem máscara. (Ranier Bragon, Danielle Chaib e Gustavo Uribe) - Poder
02/02/2021	Eleição para presidência da Câmara tem bate-boca, acusações de tapetão e aglomerações na pandemia. (Danielle Brant, Julia Chaib e Gustavo Uribe) - Poder
02/02/2021	Saiba quem é Arthur Lira, novo presidente da Câmara que construiu base para Bolsonaro. (Julia Chaib) - Poder
02/02/2021	Com ameaça de impeachment, governo e centro deflagram operação 'Acalma, Maia'. (Gustavo Uribe) - Poder

Fonte: Do autor, 2021

Quanto aos autores, constata-se que a *Folha de S. Paulo* possui uma equipe na editoria de Política – os chamados sentinelas, segundo Traquina (2001) – para cobrir o Congresso e o Planalto. Nas 14 notícias, 10 jornalistas assinaram as produções. Algumas foram feitas por apenas um jornalista¹⁴, mas a maioria foi feita em equipe devido a uma demanda maior de apuração. Danielle Brant foi a jornalista que mais assinou notícias, sendo a co-autora de 9 das 14 analisadas. Ela é, portanto, uma das “sentinelas” do Grupo Folha que têm amplo conhecimento do funcionamento do Congresso e contato com as fontes. Julia Chaib aparece em sete notícias, seguida de Gustavo Uribe e Ranier Bragon, que aparecem em cinco. Já Daniel Carvalho e Ricardo Della Coletta assinam duas notícias. Bruno Boghossian, Raquel Lopes, Renato Machado e Thiago Resende trabalharam em apenas uma notícia.

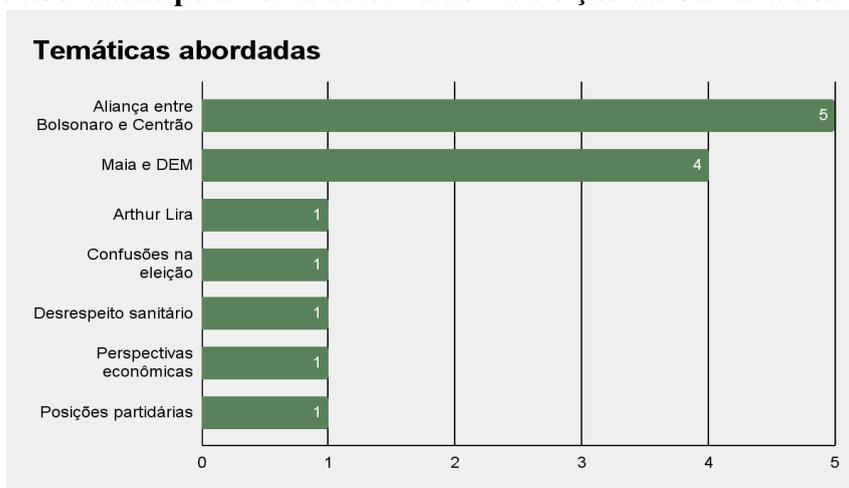
TEMÁTICAS ABORDADAS

A temática mais abordada pela *Folha de S. Paulo* no período analisado foi a aliança de Jair Bolsonaro com o Centrão. 5 das 14 notícias analisadas tinham este como o seu tema principal. Algumas citavam as causas e os efeitos da aproximação e outras citavam a distribuição de cargos feita para interferir no resultado da eleição. A matéria que anunciou a vitória de Arthur Lira (PP-AL), que recebeu o título "Líder do centrão,

¹⁴ As matérias são Ricardo Della Coletta (Bolsonaro diz que pode levar Onyx para o Planalto e abrir vaga na Cidadania, mas nega recriar ministérios no dia 31 de janeiro de 2021), Julia Chaib (Saiba quem é Arthur Lira, novo presidente da Câmara que construiu base para Bolsonaro, no dia 02 de fevereiro) e Gustavo Uribe (Com ameaça de impeachment, governo e centro deflagram operação 'Acalma, Maia', no dia 02 de fevereiro).

Lira é eleito presidente da Câmara após interferência de Bolsonaro", destacou a aproximação do presidente com o bloco como fundamental na vitória do alagoano. Rodrigo Maia e a ruptura com o seu partido, o DEM, durante a eleição também foram recorrentes nas páginas do jornal que também abordaram o desrespeito aos protocolos sanitários da pandemia durante a votação.

Gráfico 1
Temáticas abordadas pela *Folha de S. Paulo* na eleição da Câmara dos Deputados



Fonte: Do autor, 2021

ENQUADRAMENTO E TEOR DAS NOTÍCIAS

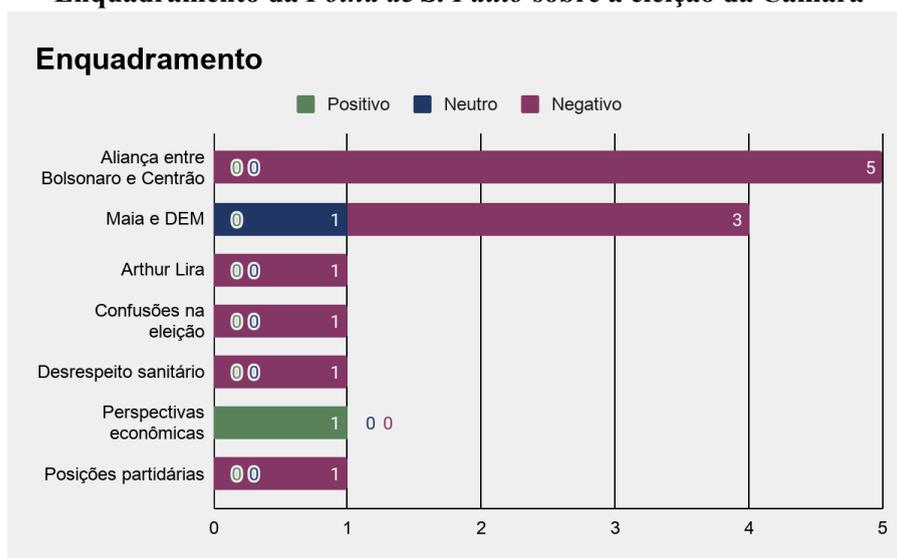
Quanto ao teor das notícias, a maior parte das que têm a aliança de Bolsonaro com o Centrão como tema principal possuem um enquadramento negativo, como na reportagem "Bolsonaro conta com Lira e Pacheco para afastar fantasma do impeachment e lançar bases para reeleição" (30 de janeiro de 2021), que ressalta o enfraquecimento do governo e como a sua sobrevivência está toda condicionada à volta do Centrão ao poder. A reportagem "Governo Bolsonaro promete emendas e cargos para eleição de Lira na Câmara" (30 de janeiro de 2021) explora a troca de favores, uma característica do presidencialismo de coalizão (Alves & Santana, 2020).

A postura da *Folha* é mais favorável quando o assunto são as pautas econômicas do governo Bolsonaro, representadas pelo Ministro da Economia, Paulo Guedes. A reportagem que analisa as perspectivas pós-eleição, "Alinhamento entre Câmara e Senado deverá impulsionar pauta econômica, avalia governo" (30 de janeiro de 2021)

afirma que a vitória de Lira beneficiará a pauta econômica de Paulo Guedes, que deve ter suas teses impulsionadas e aprovadas no Congresso após resistência de Maia.

Portanto, o enquadramento da *Folha de S. Paulo* em relação às 14 notícias veiculadas possui uma predominância da valência negativa, demonstrando que o jornal atua para explicitar as contradições da aliança do presidente Bolsonaro com o Centrão para eleger Arthur Lira (PP). A Folha mostra que a aliança significa um retrocesso político, tendo em vista que, na campanha, o presidente criticava os políticos tradicionais e afirmava ser antissistema. Das 14 notícias, 12 têm valência negativa (86%), 1 positiva (7%) e 1 neutra (7%).

Gráfico 2
Enquadramento da *Folha de S. Paulo* sobre a eleição da Câmara



Fonte: Do autor, 2021

A *Folha* denuncia com rigor as negociatas que estavam por trás do apoio de Bolsonaro – com liberação de emendas, negociação de cargos e até de ministérios – para conseguir o apoio do Centrão no Congresso. Revela também com rigor a ruptura do DEM com Rodrigo Maia ao explicitar que, no campo político brasileiro, mais do que alianças e identificação prevalece a disputa de poder e de cargos públicos. Fica explícito nas matérias que mesmo que vitória de Arthur Lira revele certa força Bolsonaro de em negociar com o campo político e garantir uma certa tranquilidade para aprovar projetos no Congresso, por outro lado, ela cria desgastes na sua imagem e gera um preço alto a ser pago em relação ao que foi prometido.

O Centrão não tem uma fidelidade garantida à longo prazo. Dilma, por exemplo, perdeu apoio em poucos dias e teve o seu *impeachment* aprovado por partidos que até então estavam na base aliada de seu governo. É nítido que a pressão do Centrão não aguarda respostas a médio prazo. Esse movimento já começa a ser visto dois meses após todo o processo eleitoral no Congresso. Em abril, diante da crise da pandemia da Covid-19, foi instaurada a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar a condução do governo federal na crise sanitária da Covid-19 por pressão do Supremo Tribunal Federal (STF). O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM), apoiado por Bolsonaro, não mostrou resistência. O Centrão mostra-se vulnerável e, se seguir o mesmo comportamento que apresentou durante a história recente, irá garantir apoio somente se a situação jurídica do presidente se manter sob controle.

FONTES CONSULTADAS

Ao definir as autoridades que são competentes para tratar de cada assunto, a imprensa, segundo Traquina (2001), define para a população quais interpretações são plausíveis para cada acontecimento. Das fontes consultadas pela *Folha* nas 14 notícias analisadas, 25 delas eram fontes diretas (55,5%) e 20 eram fontes indiretas (45,5%). A fala da fonte direta vem através de aspas e reproduz exatamente as suas colocações. A fonte indireta parafraseia as falas da fonte para outros meios, como em pronunciamentos e notas oficiais e em postagens nas redes sociais. Destaca-se que Bolsonaro não fala diretamente para a *Folha*. Quando é fonte direta de uma notícia, sua fala é reproduzida das pequenas coletivas que concede cercado de apoiadores nos arredores do Palácio do Planalto.

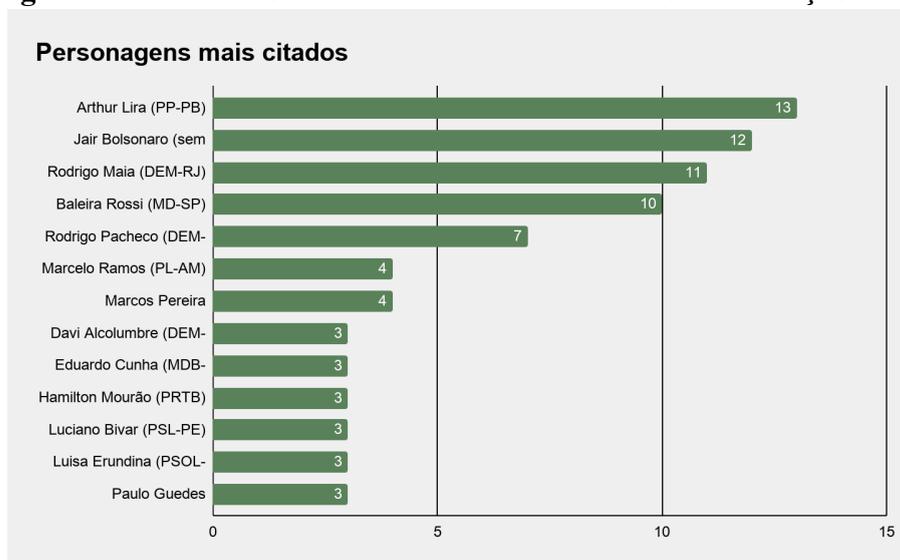
Como pode ser observado, conforme Traquina (2001), há uma forte dependência em relação às fontes primárias. A *Folha de S. Paulo* tem, historicamente, fácil acesso às fontes do Congresso Nacional. Essa relação se dificultou em relação ao Presidente da República e ao Palácio do Planalto devido ao conflito de Bolsonaro com a grande imprensa. Desde a eleição, o presidente manifesta-se somente via redes sociais. Em algumas ocasiões, concede entrevistas exclusivas à *TV Record* e ao *SBT* – pela relação próxima que tem com os proprietários Edir Macedo e Sílvio Santos. Já com o *Grupo Folha* e com a *Globo*, o presidente mantém uma relação de conflito.

Entre as fontes diretas mais utilizadas, o presidente Jair Bolsonaro, Rodrigo Maia e Arthur Lira são as mais recorrentes ao aparecerem em três notícias. Várias outras fontes são utilizadas uma vez, como os deputados Baleia Rossi (MDB), Júlio Ribeiro (Republicanos), Ciro Nogueira (PP) etc.¹⁵

Entre as fontes indiretas, as perspectivas mais utilizadas são as de Bolsonaro e Rodrigo Maia em três notícias. Aliados do governo e Jullyene Santos Lins (ex-mulher de Arthur Lira) aparecem em duas notícias. As outras fontes aparecem apenas uma vez.¹⁶

Quanto aos personagens citados, os mais recorrentes foram Arthur Lira (PP), com 13 notícias, seguido do presidente Jair Bolsonaro em 12 reportagens. Em 3º, aparece Rodrigo Maia (DEM), com 11 citações, seguido pelo deputado Baleia Rossi (MDB), com 10 citações. Em 5º, aparece o senador Rodrigo Pacheco (DEM) com 7 citações.¹⁷

Gráfico 3
Personagens citados nas notícias da *Folha de S. Paulo* sobre a eleição da Câmara



¹⁵ Giovani Cherini (PL), Joaquim Passarinho (PSD), José Guimarães (PT), Luís Miranda (DEM), Marcelo Ramos (PL), Marcos Pereira (Republicanos), Mendonça Filho (DEM), Roberto Jefferson (PTB) e Rogério Carvalho (PR). Aparece também a Assessoria de Arthur Lira, em uma notícia.

¹⁶ Outras fontes indiretas que aparecem em apenas uma notícia são: ACM Neto (DEM), Aliados de Maia, Arthur Lira, Assessores de Onyx Lorenzoni, Assessores do Planalto, Assessoria de Arthur Lira, Congressistas, Dirigentes e Líderes do Centrão, vice-presidente Hamilton Mourão (PRTB), Humberto Costa (PT), Interlocutores do governo, Luiz Eduardo Ramos (ministro do governo).

¹⁷ Os deputados federais Marcelo Ramos (PL) e Marcos Pereira (Republicanos) aparecem depois, com quatro citações cada. Por último, com três citações cada, estão Senador Davi Alcolumbre (DEM), ex-deputado Eduardo Cunha (MDB), vice-presidente Hamilton Mourão (PRTB), deputado federal Luciano Bivar (PSL), deputada federal Luisa Erundina (PSOL) e ministro Paulo Guedes. No total, foram 63 personagens citados nas 14 notícias da *Folha de S. Paulo*.

Fonte: Do autor, 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a democracia brasileira é regida pelo presidencialismo de coalizão, o Presidente da República precisa alinhar-se à maioria do Congresso para conseguir ter governabilidade. No Brasil, desde a redemocratização, o Parlamento tem sido dominado pelo Centrão que condiciona seu apoio político em troca de favores, cargos e emendas. Após muitas críticas ao Centrão na campanha eleitoral de 2018, Jair Bolsonaro construiu uma aliança com o grupo devido aos desgastes que o seu governo vinha sofrendo tanto em Brasília como na opinião pública. O objetivo foi eleger Arthur Lira (PP-AL) como o novo presidente da Câmara dos Deputados e transformar em coadjuvante o bloco formado pelo então presidente da Câmara Rodrigo Maia (DEM-RJ), seu adversário político, que era representado no pleito por Baleia Rossi (MDB-SP).

Ao analisar as notícias da *Folha de S. Paulo* sobre o tema, foi possível reiterar a existência do Jornalismo como um ator político. A maior parte das notícias da *Folha* na véspera, na data, e no dia posterior à eleição da Câmara tinham como tema predominante a aliança de Bolsonaro com o Centrão. Diversas perspectivas sobre o assunto foram abordadas, desde as causas e os efeitos da aproximação, até a distribuição de cargos e emendas e o resultado efetivo dessa artimanha política. O enquadramento feito pelo jornal sobre o assunto foi negativo e abordou a aproximação como uma jogada política feita apenas pela sobrevivência de Bolsonaro e também explicitou diversas incoerências no discurso político do Presidente. Mas vale notar que o enquadramento da *Folha* foi positivo na notícia que traçou as propostas econômicas de Paulo Guedes mais fortes na Câmara com a volta do Centrão ao seu comando. Ao ter Bolsonaro e Rodrigo Maia como os personagens mais citados, ao lado dos candidatos ao pleito, a *Folha* evidencia o protagonismo dos dois políticos na abordagem da eleição.

Ao definir as autoridades que são competentes para tratar de cada assunto, a imprensa define para a população as interpretações mais plausíveis para cada acontecimento. Percebe-se que as fontes diretas e indiretas e mesmo os personagens referem-se aos definidores primários, conforme apontam Hall *et al* (1973), citado por Traquina (2001), com destaque para Rodrigo Maia, Jair Bolsonaro e Arthur Lira.

Explicita a relação estrutural de dependência entre jornalista e fonte, que é mais uma das complexas relações entre o jornalismo e sociedade na realidade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sérgio Henrique Hudson de. Presidencialismo de coalizão: o dilema institucional brasileiro. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 5-34, 1988.

ALVES, Alinne Cardim; SANTANA, Liz Marina Tamião. A cidadania bloqueada e seus efeitos na crise jurídica e política do Brasil. **Revista Jurídica: Mário Alário D'Filippo**, Cartagena de Índias, v. 12, n. 24323-337, p. 323-337, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

FRANÇA, V. R. V. O acontecimento e a mídia. **Galáxia (São Paulo, Online)**, n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

MANIN, Bernard. A democracia do público reconsiderada. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 97, p. 115-127, 2013.

_____. As metamorfoses do governo representativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.29, p. 5-34, 1995.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: Antônio Albino Rubim. (Org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: EdUFBa, p. 73-104, 2004.

OLIVEIRA, L. A. de; FERNANDES, C. M.; CHAGAS, G. C. Novos passos do golpe: o enquadramento da Reforma da Previdência no Jornal Nacional. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 02, pp. 59-86, ago.2018/nov. 2018.

OLIVEIRA, L. A. de; QUADROS, A. R.; FERNANDES, C. M. A 'Revanche' e 'Os Perversos': como Eliane Brum aborda Jair Bolsonaro na sua eleição e nos seus 100 primeiros dias de governo. **Anuario Estudios en Comunicación Social Disertaciones**, v. 14, p. 1-1, 2021

TRAQUINA, Nelson. **Estudos do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo**, questões teóricas e estórias. Lisboa: Vega, 1993. p. 74-90.